

## Desafios no redesenho das redações convergentes: produção multimídia e as relações de trabalho

Alexandre Lenzi<sup>1</sup>

### Resumo:

As novas tecnologias que transformam as redações jornalísticas em tempos de convergência exigem adaptações em diferentes frentes: muda a estrutura física, muda o planejamento e a execução no fazer jornalismo, muda o perfil exigido dos novos profissionais e mudam também as relações de trabalho envolvendo as equipes de produção. Em um momento em que tantas mudanças chegam junto a um período de queda de circulação dos jornais impressos e de aumento da concorrência com outras mídias, é real o risco do redesenho das equipes ser pautado no desafio de produzir mais com menos gente, em detrimento da qualidade do produto final. Este artigo faz um levantamento bibliográfico sobre o tema, dando a largada para pesquisa de Doutorado que buscará identificar erros e acertos na adaptação às novas realidades do mercado.

**Palavras-chave:** jornalismo; multimídia; reportagem; convergência; trabalho.

### Abstract:

The new technologies that transform newsrooms in convergence times require adaptations in different fronts: changes the structure, changes the planning and execution in journalism, changes the profile required of new professionals and also changes labor relations involving production teams. In a time when so many changes come along to a period of declining circulation of newspapers and increasing competition from other medias, there is a real risk of the redesign of teams be based on the challenge of producing more with less, instead of the quality of the final product. This article is a bibliography research, taking off for a thesis that will seek to identify successes and failures in adapting to new market realities.

**Key words:** journalism; multimedia; convergence.

Recebido em: 10/09/2014

Aceito em: 20/11/2014

<sup>1</sup> Doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com pesquisa na área de reportagem multimídia. Tem mestrado em Jornalismo e experiência profissional na área de jornalismo impresso, jornalismo on-line e jornalismo institucional. Atua, também, como professor de ensino superior desde 2013.

## Tempo de mudanças

Redações de jornais vivem um momento de transformação, que envolve fatores como reposicionamento no mercado, incorporação de novas tecnologias aos processos de trabalho e adequação do perfil dos profissionais para este novo cenário. A convergência de redações de jornais impressos e de sites de notícias em uma mesma equipe passa a exigir que os novos jornalistas sejam qualificados para produzir conteúdos voltados para plataformas distintas. Esse parece ser um caminho sem volta: a redação jornalística com produção multimídia, entregando notícias em textos (para sites e publicações impressas), complementadas com fotos, áudios, vídeos e infográficos. Procedimento desejado tanto em coberturas factuais, quanto nas grandes reportagens. O que ainda não é consenso, nem no mercado, nem entre pesquisadores, é o procedimento a ser adotado para garantir apuração e produção com qualidade e em diferentes mídias simultaneamente. Este artigo apresenta um levantamento bibliográfico sobre o tema. Em uma próxima etapa, será realizada pesquisa de campo como parte de elaboração de tese de Doutorado em Jornalismo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Neste levantamento, adotamos como sinônimos os termos jornalismo na internet, jornalismo digital, jornalismo *on-line*, ciberjornalismo e webjornalismo. E trabalhamos o conceito de multimídia defendido por Marcos Palacios (2003), profissional da área de pesquisa e ensino de comunicação com ênfase em webjornalismo e novas tecnologias de comunicação, que aponta a multimídia como a convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração de um fato jornalístico numa situação de agregação e complementaridade. Dentro desse conceito, a multimídia pode ser encarada como um recurso moderno e com grande potencial de exploração nos sites jornalísticos. E por convergência, na linha do que define Lourival Sant'Anna (2008), entendemos a tendência internacional, sobretudo nos Estados Unidos e na Inglaterra, para a fusão de veículos rumo à um novo quadro de compartilhamento de funções, onde repórteres de jornais impressos podem produzir textos para os sites, assim como jornalistas das versões digitais podem ter sua produção publicada na versão de papel, citando apenas o exemplo mais comum.

A internet é hoje o meio de comunicação que mais cresce no país, sendo o segundo colocado na preferência dos brasileiros (13,1%), atrás apenas da TV (76,4%), revela a inédita Pesquisa brasileira de mídia 2014, que teve sua primeira edição publicada neste ano pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. A pesquisa indica que um quarto da população acessa a internet (26%) diariamente, com uma intensidade diária de 3h39min de segunda a sexta feira e de 3h43min no final de semana, embora a maioria dos brasileiros (53%) ainda nunca acessa a internet. Considerando o público mais jovem, com menos de 25 anos, o percentual de entrevistados com acesso pelo menos uma vez por semana chega a 77%. É

uma nova geração de leitores que já nasce conectada e merece atenção das empresas jornalísticas. O cenário de queda de circulação dos jornais impressos e de corte de vagas, evidenciado em revistas e publicações especializadas, reforça a necessidade de aprofundar o debate sobre a formação das equipes que desenvolvem os trabalhos multimídia das redações jornalísticas.

Vivemos hoje o que Manuel Castells (1999) define como uma sociedade em rede, caracterizada por uma mudança na sua forma de organização social, possibilitada pelo surgimento das tecnologias de informação em um período de coincidência temporal com mudanças econômicas (a globalização das trocas e movimentos financeiros) e sociais (a procura da afirmação das liberdades e valores de escolha individual). Assim como aconteceu com outras mudanças estruturais, esta nova transformação oferece oportunidades ao mesmo tempo em que levanta desafios. Castells (1999) lembra que o fenômeno da concentração de tarefas na mão de uma só pessoa é, de certa forma, fruto da expansão das tecnologias de telecomunicação a partir dos anos 1970. Mas agora essa concentração aparenta ganhar mais força.

Segundo a Associação Americana de Editores de Notícia (ASNE) <sup>2</sup>, em 2012 havia 40,6 mil jornalistas empregados em redações nos EUA; o número é o menor desde que o levantamento anual passou a ser feito, em 1973, quando havia 43 mil jornalistas empregados. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) não tem dados consolidados das demissões no Brasil, mas levantamento do portal Comunique-se <sup>3</sup> aponta que pelo menos 1.230 jornalistas foram demitidos em 2012 em todo o país, a maioria das dispensas foi motivada por cortes orçamentários e reestruturações; e pesquisa do portal Jornalistas&Cia <sup>4</sup> indica que outras 486 vagas foram fechadas em 2013 somente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Minas Gerais.

A circulação no Brasil também está em baixa. Dados oficiais do Instituto Verificador de Circulação (IVC) <sup>5</sup> apontam uma queda de 1,9% na circulação dos jornais brasileiros entre 2012 e 2013 – passado da média de 4,52 milhões de jornais em circulação mensal em 2012 para 4,43 milhões em 2013. O número confirma o decréscimo gradual do meio, que já havia caído 1,8% em 2012 na comparação com 2011. Os dados são coletados diretamente dos relatórios da entidade.

A preocupação com o atual cenário já pauta estudos sobre o impacto das novas tecnologias nas relações de trabalho. Em dissertação de mestrado em Economia, Camila Rodrigues Silva (2011) afirma que os últimos 30 anos têm sido de grandes trans-

<sup>2</sup> Existe uma crise nos impressos? Nada a declarar, respondem os jornais. Agência Pública, agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos, publicado em 10 de junho de 2013. Disponível em <<http://www.apublica.org/2013/06/existe-uma-crise-nos-impressos-nada-declarar-respondem-os-jornais/>> Visitado em fevereiro de 2014.

<sup>3</sup> Mais de mil jornalistas foram demitidos nos últimos doze meses. Portal Comunique-se, publicado em 28 de dezembro de 2012. Disponível em <<http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/9-contrataque/70513-mais-de-mil-jornalistas-foram-demitidos-nos-ultimos-doze-meses.html>>. Visitado em março de 2014.

<sup>4</sup> Dados publicados em J&Cia apontam quase 500 demissões em redações em 2013. Portal dos Jornalistas, publicado em 6 de fevereiro de 2014. Disponível em <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=2252>>. Visitado em março de 2014.

<sup>5</sup> Circulação de jornais tem queda de 1,9% em 2013. Sinaprosp, publicado em 27 de janeiro de 2014. Disponível em <[http://www.sinaprosp.org.br/visualizar\\_noticia.php?id\\_noticia=1530](http://www.sinaprosp.org.br/visualizar_noticia.php?id_noticia=1530)>. Visitado em fevereiro de 2014.

formações nas editoras de jornais e revistas com reflexos diretos sobre o mundo do trabalho, onde as empresas se adaptam em busca de maiores índices de rentabilidade. Silva (IDEM) cita pesquisa da International Federation of Journalist (FIJ), publicada em 2006 com a sistematização de dados colhidos em 41 empresas jornalísticas em 38 países, que alertava para um alto índice de frustração profissional com os salários e para a queda de qualidade dos jornais por conta da constante substituição dos jornalistas mais experientes pelos mais novos.

Diante de um indicativo de crise, as empresas tentam adaptar as relações de trabalho à nova realidade. E com as fusões das redações do *on-line* e do impresso, os jornais diários estão se precavendo contra possíveis ações trabalhistas no futuro referentes a acúmulo de funções, sugere Silva. No Brasil, os trabalhadores dos jornais são contratados ou por meio de contrato formal, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT); por contratos de pessoa jurídica (terceirização); ou por vínculos mais precários, como os de freelancers. Vale lembrar que, na maioria dos contratos dos jornais, a jornada contratada é de 44 horas semanais, que é o máximo tolerado pela Constituição de 1988. Mas grandes empresas estão renovando os contratos de trabalho e inserindo novas cláusulas, que exigem que o mesmo trabalhador produza conteúdo para diversas plataformas (vídeo, áudio, texto e foto) sem a necessidade de pagamento adicional. “É o que está sendo chamado de contrato multimídia, uma forma de regularizar o acúmulo de funções”. (SILVA, 2011, p. 161).

Os pesquisadores Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni (2011) também reconhecem que as exigências de se produzir um mesmo conteúdo para vários formatos midiáticos exige dos jornalistas o desenvolvimento de novas competências e uma sobrecarga de trabalho, que dificilmente é remunerada. E, na mesma linha de Silva, apontam uma desregulamentação dos contratos trabalhistas, além de uma constante substituição de jornalistas veteranos por outros mais jovens, que se adaptam mais facilmente às normas político-editoriais e a salários mais baixos. Para os autores, o processo de desregulamentação da profissão e a perda de valores históricos resulta, em muitos casos, em uma crise da credibilidade e da representação social dos jornalistas.

A verdade é que a roupa de Super-Homem não serve mais. O jornalista prefere vestir a fantasia da circunstância, que lhe permite subir na vida profissional ou simplesmente sobreviver diante do desafio das rotinas produtivas infernais às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011, p. 48).

Em relação à polivalência exigida da nova geração de jornalistas, os pesquisadores Josep Micó, Pere Masip e Suzana Barbosa (2009) apontam prós e contras: enquanto os defensores do jornalista multimídia sustentam que o profissional polivalente tem mais controle sobre o trabalho final, que proporciona maior unidade e coerência, uma vez que há um único autor; os críticos argumentam que a convergência leva

à padronização do discurso e à consequente perda de pluralismo, além do fato de que a qualidade ser afetada quando a natureza específica da linguagem de cada meio não é respeitada e imediatismo tem predomínio sobre a análise. Os que são contra argumentam, ainda, que o repórter multimídia seria a justificativa perfeita para reduzir o número de funcionários. E o aumento da carga de trabalho obriga a gastar menos tempo em cada peça, aumentando o risco de produzir uma notícia superficial ou incompleta. (MICÓ, MASIP e BARBOSA, 2009, p. 135). Os autores citam estudo da União Nacional dos Jornalistas do Reino Unido, de 2007, apontando que 75% dos entrevistados britânicos reclamaram de trabalhar mais desde que suas redações foram integradas.

## Testes na prática

O atual cenário reforça a importância da pesquisa proposta, ao buscar identificar alternativas para um modelo de produção de reportagem multimídia. Sem um consenso no mercado ou mesmo na academia, grandes jornais testam na prática projetos que visam uma aproximação entre as redações tradicionais e as equipes voltadas para os conteúdos das edições digitais. Veículos nacionais como *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* anunciaram mudanças em 2010 com grandes campanhas.

Em março de 2010, *O Estado de S.Paulo* lançou um novo projeto gráfico da edição impressa e, simultaneamente, entrou no ar o novo *estadão.com.br*. O site foi totalmente reformulado. Além de novo design e da nova lógica de navegação, anunciou a ampliação do seu cardápio de conteúdos em vídeo e áudio, a interação com os internautas e a conexão com redes sociais e comunidades virtuais. A intenção apontada era estar todo o tempo perto do leitor, em todas as plataformas. Além disso, a proposta defendida era oferecer conteúdos mais integrados. Em reportagem do próprio *Estadão*<sup>6</sup>, Ricardo Gandour, diretor de Conteúdo do Grupo Estado, afirma que “os avanços no papel e no digital se sustentam em nossa crença na convivência entre as mídias” (2010).

Pouco mais de dois meses depois das mudanças no *Estadão*, em 23 de maio de 2010, a *Folha de S.Paulo*<sup>7</sup> chegava às bancas se autoentitulando “o jornal do futuro”. Além das alterações gráficas, as redações da *Folha* e da *Folha Online* também foram unificadas sob um mesmo comando. A *Folha* se anunciou como o primeiro grande veículo da imprensa brasileira a promover o que chamou de “fusão orgânica” entre o jornal impresso e a versão *on-line*. A nova forma e o conteúdo renovado foram apontados, em caderno editorial publicado na edição de 23 de maio de 2010<sup>8</sup>, como resul-

6 “Estado” estreia amanhã novo projeto gráfico no jornal e no site, publicado em 13 de março de 2010. Disponível em <[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100313/not\\_imp523608,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100313/not_imp523608,0.php)>. Visitado em março de 2010.

7 Folha integra redações e finaliza reforma, publicado em 11 de abril de 2010. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/719139-folha-integra-redacoes-e-finaliza-reforma.shtml>>. Visitado em abril de 2010.

8 Folha se transforma para ficar mais legível e incisiva – Reforma editorial e gráfica muda o jornal no papel e na rede. Caderno especial publicado pela Folha de S.Paulo, em 23 de maio de 2010.



tados de 12 meses de trabalho. “A ideia é transformar a redação num centro captador de notícias que funcione 24 horas por dia e produza informação de qualidade para qualquer plataforma, seja o papel, que é e continuará a ser a vitrine principal da marca *Folha*, o *on-line*, agora rebatizado de *Folha.com*, ou em *smartphones* e *tablets*, por torpedos e e-mails e o que mais for inventado”, escreveu o editor-executivo Sérgio Dávila, (*Folha de S.Paulo*, 23 de maio de 2010, p. 2).

Na área multimídia, um dos trabalhos recentes do grupo *Folha* é o especial *Tudo Sobre a Batalha de Belo Monte*<sup>9</sup>, que trata das obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Segundo a própria *Folha*, 15 profissionais ficaram envolvidos durante 10 meses no projeto, que contou com tratamento gráfico especial, entrevistas em vídeo, infográficos animados e amplo material fotográfico em um ambiente separado do resto do site. O especial inaugurou a série digital *Tudo Sobre*, lançada com o desafio de produzir reportagens *on-line* sobre grandes temas.

Fora do Brasil, veículos importantes como o *The New York Times* e o *Washingtong Post*, nos Estados Unidos, também já uniram suas redações. Na América Latina, o centenário grupo colombiano *Casa Editorial El Tiempo* (CEET) passou pelo processo de convergência recentemente, a partir de 2008. Para juntar todos os profissionais em um só lugar, a direção da casa reestruturou por completo a redação antiga do principal veículo do grupo, o jornal *El Tiempo*, e construiu um espaço em que jornalistas dos diferentes meios pudessem se encontrar, trocar informações, trabalhar em conjunto, integrar e conviver em um mesmo espaço.

Outro exemplo concreto de convergência é o do *Grupo Clarín*, proprietário do impresso e do jornal *on-line* mais lido da Argentina (*Clarín.com*). O pesquisador Mauro César Silveira (2009) lembra que em 2007, ano de recomposição editorial, a empresa ainda demonstrava resistência à convergência das redações, postura corrigida nos anos seguintes. O grupo mantinha-se na contramão da tendência mundial pela convergência com o impresso, pelo menos até a revelação de um documento interno assinado pelo editor geral do impresso, Ricardo Kirschbaum, intitulado *Redacción Integrada & Periodismo Multiplataforma* (apud D'AMORE, 2008). “Ao longo do primeiro semestre de 2009, a integração entre os dois veículos foi se tornando cada vez mais visível, indicando claramente que o desafio de preservar a identidade dos dois formatos jornalísticos começava a ser enfrentado com boas possibilidades de êxito”, (SILVEIRA, 2009, p. 51). Mas Silveira ressalta que mesmo antes dos planos de reestruturação, apontando a necessidade da integração com o jornal, terem sido revelados, já havia, contudo, uma regular colaboração entre os veículos do mesmo grupo.

O grupo, fundado em 1945, também conta com emissoras de rádio e de televisão e outros veículos impressos e *on-line*, o que contribui para a produção multimídia. Hoje, o *Clarín* tem sido reconhecido internacionalmente como fonte de bons exem-

<sup>9</sup> **Especial Tudo Sobre a Batalha de Belo Monte.** Publicado por *Folha de S.Paulo* em dezembro de 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2013/belomonte/>>. Visitado em dezembro de 2013.

plos de reportagens multimídia que vão além da justaposição. O especial *Cayucos*<sup>10</sup>, produzido em 2008 abordando o tema da migração de africanos em busca de melhores condições de vida, venceu o prêmio *Society for News Design* (SND) – uma das organizações mais prestigiadas de design do mundo – de 2009 pela inovação na apresentação de fotos, vídeos, qualidade de som e edição. O especial é um relato da história de africanos que atravessam o Oceano Atlântico em pequenos barcos de pesca para fugir da miséria e da fome e alcançar a Europa a partir das Ilhas Canárias, na Espanha. Em estudo de caso sobre o especial, Andréa Aparecida da Luz (2010) destaca que a reportagem apresenta vários pontos de interseção com o telejornalismo (como a técnica de passagem, as entrevistas, os planos de filmagem, o texto de TV), com o jornalismo impresso (as diagramações das notas relacionadas, o uso de box, infografias – ainda que animadas, para se ajustar à *web* no *Clarín.com*); e com o webjornalismo (galeria de fotos, navegação não linear, animações 3D).

Também já encontramos exemplos de mudanças em veículos regionais. A prática da reportagem multimídia no *Diário Catarinense*, veículo do Grupo RBS com sede em Florianópolis (SC), foi tema de projeto anterior (LENZI, 2011), em que constatou-se que o jornal caminhava rumo à convergência da redação do jornal impresso e do site. Fundado em maio de 1986, o veículo conta com sua versão em site desde 2007. O fato de fazer parte do grupo RBS, uma empresa multimídia por natureza, favorece a mudança, uma vez que os gestores do jornal impresso podem buscar nas empresas irmãs – emissoras de rádio e de televisão, além de sites – um pouco da realidade de quem trabalha com outras mídias. Diretores do Grupo RBS entrevistados para dissertação de mestrado em Jornalismo (LENZI, 2011) apresentaram um discurso valorizando o profissional aberto às novas ferramentas da reportagem multimídia, mas também concordam entre si quando defendem que não vai ser um mesmo profissional que fará todo o trabalho sozinho. Para eles, reportagem multimídia é um exercício em equipe. O discurso é reforçado com a proposta de manter salários iguais entre os cargos equivalentes da redação do jornal impresso e da redação *on-line*. Mas a mesma pesquisa identificou, entre a equipe de 27 repórteres do *Diário Catarinense*, quais eram as principais dificuldades para realizar os primeiros exercícios multimídia: limitação de conhecimentos técnicos para operar os equipamentos e garantir um material final de qualidade, problema seguido pelo fator falta de tempo e pela dificuldade de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. Em uma nova pesquisa, há que se buscar identificação de um verdadeiro avanço rumo ao potencial evidenciado, na época, apenas no discurso.

José Alberto García Avilés e Miguel Carvajal (2008) defendem que a implementação de qualquer modelo de convergência de redação encontra uma realidade complexa de restrições estruturais e dificuldades de práticas de cooperação, trazendo a necessidade de investir em treinamento adicional para os jornalistas e também para

10 Especial Cayucos. Publicado por Clarín, em 2008. Disponível em <<http://edant.clarin.com/diario/2008/09/04/conexiones/cayucos.html>>. Visitado em dezembro de 2013.

estabelecer uma política de contratação que considera polivalência como uma condição indispensável. Exige, ainda, o reforço dos procedimentos existentes de controle de qualidade da redação, de modo a evitar a deterioração do padrão das notícias.

Mesmo que a diretoria endosse a ideia da publicação para todas as plataformas desde o início, o desenvolvimento da convergência está longe de ser fácil. É um equilíbrio difícil, que às vezes traz um fardo pesado para os profissionais. Se o repórter enfrenta um prazo apertado e tem que produzir histórias para todos os três meios de comunicação, o tempo para a investigação ou acompanhamento da notícia será escasso. Além disso, é difícil para o mesmo jornalista para realizar um trabalho de qualidade em todas as mídias, cada uma delas exige habilidades e competências que só são alcançados com dedicação e experiência. (AVILÉS e CARVAJAL, 2008, p. 237, tradução livre)<sup>11</sup>.

Ramón Salaverría e Samuel Negrodo (2009) também apontam que o processo de convergência exige mudanças tecnológicas, administrativas, profissionais e editoriais. Para os pesquisadores espanhóis, a convergência não pode ser apenas uma maquiagem digital para perpetuar o velho jornalismo e nem uma desculpa para as redações trabalharem com menos gente. Pelo contrário, eles sugerem o investimento em treinamento do pessoal para lidar com as diferentes ferramentas que passam a ser incorporadas à rotina. E treinamento exige inovações técnicas e mudanças de mentalidade. Salaverría e Negrodo defendem que todo o processo de convergência deve ficar muito claro para toda a equipe do jornal, mesmo ocorrendo uma resistência entre os profissionais mais antigos. Entre as alternativas para minimizar os atritos resultantes da integração, os autores recomendam ações como formar jornalistas para que dominem as novas tecnologias digitais; promover a troca de funções entre profissionais do impresso e do *on-line* para que se habituem às diferentes plataformas; resolver as disparidades salariais entre os diversos meios; colocar em posições de chefia os profissionais que tenham experiência jornalística, capacidade de mando e conhecimento do mundo digital; e planejar a integração para reforçar a imagem da marca em todos os suportes apostando na colaboração franca entre os meios e jornalistas.

Independentemente da plataforma e de questões de domínio técnico, é preciso ressaltar que a produção de notícia não pode se afastar de suas características-base, como a atualidade, a relevância e a confiabilidade. Seja em uma tradicional matéria impressa ou em um conteúdo multimídia, o fundamental é que o jornalismo mantenha um debate contextualizado com o cenário atual, relevante para seus leitores e com foco na credibilidade das informações.

O que exige muita competência para ser feito em um único meio – impresso, televisivo, radiofônico ou digital – torna-se ainda mais difícil quando se exige do jornalista atuação em mais de uma frente. Lourival Sant’Anna (2008) acredita que uma

<sup>11</sup> Even though management will endorse the idea of publishing to all platforms from the very beginning, the development of convergence is far from easy. It is a difficult balancing act, which sometimes brings a heavy burden for the professionals. If the reporter faces a tight deadline and has to produce stories for all three media, time for research or following up the news will be scarce. Besides, it is difficult for the same journalist to carry out a quality job in all media, for each of them demands skills and competences that are only achieved with dedication and experience.



sobrecarga de tarefas e de preocupações com aspectos técnicos, por mais simplificadas que sejam as operações dos novos aparelhos digitais, pode afetar a qualidade na apuração jornalística. Diante deste quadro, a alternativa não é desistir de uma produção multimídia, mas investir na formação de um novo perfil de jornalistas, no qual o individualismo e o protagonismo cederiam algum espaço para o trabalho em equipe. “O trabalho de apuração da reportagem, como empreitada solitária, fortemente marcada por talentos pessoais que funcionam como marcas distintivas aliadas ao nome de um profissional, perderia parte de seu papel” (SANT’ANNA, 2008, p 23). Ramón Salaverría e Samuel Negredo (2009) também reforçam esta necessidade de fortalecer o trabalho em equipe nas novas redações, diante das produções multimídia.

A ideia do jornalista multimídia como um profissional que, aparentemente, pode realizar qualquer tipo de tarefa no contexto da nova convergência das redações é vista como um mito para Salaverría e Negredo (2009). Eles defendem que, embora um perfil polivalente avançado é cada vez mais frequente entre os novos repórteres, os perfis das pessoas que trabalham dentro das redações ainda são, em geral, bastante diferentes. O padrão continua o de profissionais que se especializam em determinadas áreas, embora isso não elimine a atuação, paralelamente, em outras frentes.

O mito do ‘jornalista multimídia’, como um profissional que, aparentemente, pode realizar qualquer tipo de tarefa, no âmbito das novas redações convergentes é apenas isso, um mito. (...) Pelo menos na mídia de média e grande escala, os perfis das pessoas que trabalham dentro das redações ainda são, em geral, bastante diferentes. Um escritor, um fotógrafo, um designer ou um editor gráfico sempre foram especializados. Após o processo de convergência, eles continuam os mesmos: os jornalistas especializados. Mesmo naquelas redações que já passaram por um processo de convergência, jornalistas especializados ainda são necessários para determinadas tarefas que são específicas para cada meio. Alguns jornalistas podem trabalhar simultaneamente para várias plataformas, mas muitos outros, devido à sua especialização, são dedicados a um único meio (SALAVERRÍA e NEGREDO, 2009, p 154-155, tradução livre)<sup>12</sup>.

Os dois autores reconhecem que muito tem sido discutido nos últimos anos sobre a chegada do jornalista multimídia, como um profissional para todos os fins, supostamente capaz de gerar conteúdo tanto textual e audiovisual para mídias diversas. Mas eles destacam que a realidade mostra-nos que esse perfil está longe de se tornar uma regra e que os únicos jornalistas voltados para o jornalismo multifacetado como uma norma especial seriam os correspondentes e repórteres de guerra. Os pesquisadores apontam que a figura profissional do jornalista chamado multitarefa recebe quantidades infinitas de funções jornalísticas, que anteriormente diferentes profissionais realizavam separadamente. Neste contexto, esses profissionais são ava-

12 The myth of the ‘multimedia journalist’, as a professional who apparently can perform any type of task in the context of the new convergence newsrooms, is just that, a myth. (...) At medium and large-scale media, the profiles of those working inside the newsroom are still, in general, quite different. A writer, a photographer, a designer or a graphic editor have always been specialized. After the process of convergence, they still the same: specialized journalists. Even in those newsrooms which have already undergone a convergence process, specialized journalists are still necessary for certain tasks which are specific for each medium. Some journalists may work simultaneously for several platforms, but many others, due to their specialization, are devoted to a single medium.

liados mais pelo número de funções que realizam e pela quantidade de conteúdo que geram, do que por suas qualidades jornalísticas.

Salaverría e Negredo (2009) lembram que as mudanças tratam também do ambiente de trabalho e da visão dos profissionais. E esse processo exige o envolvimento de toda a equipe, o que pode vir a ser um problema, uma vez que os autores apontam que, embora os meios de comunicação se dediquem profissionalmente à comunicação de conteúdo para o público, têm dificuldades em estabelecer uma comunicação interna simplificada. Outro complicador apontado é a resistência à mudança por parte dos próprios repórteres, especialmente os mais veteranos.

Diante deste quadro, acrescenta-se ao desafio de ensinar o uso das novas ferramentas, a tarefa de ensinar a valorizar a nova cultura digital e suas implicações no meio jornalístico. Os autores defendem que os repórteres multimídia não têm que ser contratados especialmente para trabalhar com o jornalismo *on-line*, pois os repórteres da versão impressa também podem se tornar jornalistas multimídia que, em vez de fornecer a notícia apenas para o papel, cumprem as exigências de qualquer outra plataforma do grupo, especialmente as do *on-line*.

É preciso, ainda, considerar o fator financeiro. Em artigo produzido em conjunto, os autores Josep Micó, Pere Masip e Suzana Barbosa (2009) destacam os riscos da integração de redações de diferentes mídias quando o objetivo maior é cortar custos. Ressaltam que é preciso transformar o modelo de negócio e incentivar um novo modelo de jornalismo com base na qualidade da informação e do desenvolvimento de formas criativas de gerar renda. O mercado mostra, acreditam os pesquisadores, que não existem remédios universais e que cada caso requer um estudo diferente. O que não significa, no entanto, que não existem modelos já em prática que podem ser usados como inspiração para outras empresas.

## Considerações finais

Esse levantamento consiste no ponto de largada para tese de Doutorado em Jornalismo sobre a prática da reportagem multimídia e o impacto nas relações de trabalho dentro das redações convergentes. A proposta deste estudo é voltar o debate para o processo de produção jornalística, mas tirando o foco do repórter isolado, sobre o qual tem sido lançado o desafio da polivalência multimídia, para direcioná-lo ao trabalho em equipe, onde apurações e técnicas distintas se complementam de forma integrada em prol de um trabalho final em comum. Após levantamento bibliográfico, a proposta é realizar pesquisa de campo junto à profissionais dos jornais *Diário Catarinense*, *Folha de S.Paulo* e *Clárin*, com o objetivo de identificar os procedimentos adotados na produção de conteúdos multimídia. A meta é, associando pesquisa em campo com levantamento bibliográfico, gerar um diálogo entre mercado de traba-

lho e academia que possa vir a contribuir para uma eficiente prática da reportagem multimídia.

## Referências

AVILÉS, José Alberto García; e CARVAJAL, Miguel. **Integrated and Cross-Media Newsroom Convergence**. SAGE Publications, volume 14, número 2, p. 221-240, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

D'AMORE, Adrian. **El Plan de Integración de Redacciones de Clarín y Clarín.com**, publicado em 15 de maio de 2008. Disponível em <<http://www.revista-zoom.com.ar/articulo2235.html>>. Visitado em maio de 2014.

**Folha se transforma para ficar mais legível e incisiva – Reforma editorial e gráfica muda o jornal no papel e na rede**. Caderno especial publicado pela *Folha de S.Paulo*, em 23 de maio de 2010.

LENZI, Alexandre. **O desafio da produção de conteúdos noticiosos multimídia no cenário da convergência: a experiência dos repórteres do Diário Catarinense**. Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

LUZ, Andréa Aparecida da. **Cayucos: estudo de caso de um especial multimídia no Clarín.com**. Florianópolis, 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo: Contexto, 2007.

MICÓ, Josep; MASIP, Pere; e BARBOSA, Suzana. **Models of business convergence in the information industry: a mapping of cases in Brazil and Spain**. SBPJor, Brazilian journalism research, volume 5, número 1, p. 123-140, 2009.

PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

PACHECO, Filipe de Souza Azambuja. **Em tempos de mudança: convergência e integração jornalística e o modelo da CEET**. São Paulo, 2010. Monografia (Graduação em Jornalismo), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2010.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, volume 1, número 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.

**Pesquisa brasileira de mídia 2014** : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Publicado por Presidência da República do Brasil. Secretaria de Comunicação Social – Brasília : Secom, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón e NEGREDO, Samuel. **Integrated journalism – Media convergence and newsroom organization**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. **Medios y periodistas, ¿un futuro compartido?**, Cuadernos Evoca, 7 (El futuro del periodismo), pp. 11-14, 2012.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal – A Folha de S.Paulo, O Globo e O Estado na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Camila Rodrigues. **Operário multimídia: mudanças do mundo do trabalho nos jornais diários brasileiros**. Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

SILVEIRA, Mauro César. **A história de independência do Clarín.com e as mudanças no processo de convergência com o jornal impresso**. Intexto, Porto Alegre, v. 2, número 21, p 37-56, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intex-to/article/view/9549/7389>>. Visitado em maio de 2014.